

LILIANE BORTOLUCI

* liliane@uol.com.br



DIVULGAÇÃO

Crise da água e o futuro

Mesmo sendo o país com maior volume de água doce do planeta, o Brasil, principalmente o Sudeste, vê a pressão reduzida na rede e a água cada vez mais escassa em suas torneiras. Grandes metrópoles do País, como São Paulo, Rio e Belo Horizonte, estão sofrendo com a sua maior crise hídrica em 84 anos, no caso paulista. A falta de água tem impacto direto na economia no País. A indústria já sente os efeitos da estiagem: de acordo com a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), pelo menos 60 mil negócios devem ser afetados no Estado, atingindo cerca de 1,5 milhão de empregos. Para que as conse-

quências não sejam piores é preciso adotar medidas para superar a crise, como racionamento ou dedução nas contas de água e mudança no comportamento diário, reuso de água, instalar soluções para economia de água em casa e no trabalho; evitar desperdícios, obras para utilizar água de novos mananciais, entre outros.

Apresentando soluções e propostas para a economia de água, a Feicon Batimat, maior vitrine da construção civil da América Latina, que será realizada de 10 a 14 de março, no Anhembi, em São Paulo, reunirá duas mil marcas nacionais e internacionais, muitas delas apresentando novidades para redução do consumo de água e energia.

Tratando exclusivamente sobre racionamento, o salão terá, na 21ª edição, a Ilha de Sustentabilidade Água, projeto desenvolvido pelo Sindicato da Indústria de Artefatos de Metais Não Ferrosos de São Paulo (Siamfesp), que congrega os fabricantes de economizadores de água.

Todos os produtos têm como intenção resolver o problema dos desperdícios no consumo das residências e das empresas, já que 35% da água é desperdiçada. Serão cerca de 60 produtos, como torneiras economizadoras com acionamento mecânico, elétrico, eletrônico, registros controladores de pressão, registros de vazão, arejadores, caixas acopladas com duplo aciona-

mento de 3 e 6 litros (para resíduos líquidos e sólidos), além de uma gama de produtos voltados para o uso racional da água, residencial ou comercial.

A demonstração será feita também por vídeos e aplicativos, que mostrarão ao usuário quanto será economizado de água e em quanto tempo ele terá o retorno de seu investimento. Estas tecnologias apresentadas na Ilha também serão divulgadas nos Programas de Exportação que o Siamfesp desenvolve com a Apex Brasil. Este protótipo será apresentado em várias feiras internacionais, na América Latina, África e Oriente Médio.

Também serão realizados palestras e workshops com temas relacionados à falta de água, cujos temas já estão definidos: Como os Prédios Verdes contribuem para as Crises Hídricas e Elétricas e Uso Racional de Água e Energias Renováveis na Construção Civil.

Uma das grandes preocupações da construção civil hoje é equalizar a velocidade crescente do segmento com a racionalidade e respeito ao meio ambiente. É preciso adotar o conceito da racionalidade no canteiro de obras com técnicas que garantam economia de gastos, cuidado com os recursos naturais e tudo isso com menos tempo de

trabalho. É aí que entram os sistemas construtivos industrializados, que além de mais rapidez e eficiência, dão à obra qualidade e utilizam técnicas de sustentabilidade.

A Feicon Batimat, como principal evento do segmento, irá discutir o tema pela primeira vez nos Seminários de Sistemas Construtivos e também Tecnologia e Arquitetura na Construção, a fim de reforçar a prática nos canteiros de obras, com apoio da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat) e da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBEA). O evento também irá reunir as demais entidades do setor como a Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas (Abrafati), Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco) e Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção, Maquinismos, Ferragens, Tintas, Louças, e Vidros da Grande São Paulo (Sincomavi).

* DIRETORA DA FEICON BATIMAT E DO PORTFÓLIO DE EVENTOS DOS SEGMENTOS DE MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS, CONSTRUÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Venda de material de construção cai 11,5% em janeiro

Queda se deu na comparação com o mesmo mês de 2014; com relação a dezembro, o resultado foi 2,9% menor. No ano, entidade prevê aumento de 1%

As vendas da indústria de materiais de construção começaram 2015 com trajetória de queda, impactadas pela retração do mercado imobiliário e pelo desempenho fraco das obras de infraestrutura. Em janeiro, o setor vendeu 11,5% a menos do que o registrado no mesmo mês do ano passado. Já em relação a dezembro, o recuo foi de 2,9%, de acordo com pesquisa divulgada pela Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat).

O presidente da entidade, Walter Cover, destaca que o re-

sultado de janeiro está muito abaixo do crescimento esperado de 1% em 2015.

De acordo com o dirigente, as expectativas para os próximos meses sinalizam uma modesta recuperação das vendas, impulsionadas principalmente pelo mercado varejista, mas a associação vai rever sua previsão para o ano, a depender dos números registrados no primeiro trimestre.

“Essa expectativa para 2015 está apoiada na manutenção dos atuais incentivos do governo ao setor (que já foram alterados), assim como na expansão dos investimentos e do Programa Minha Casa Minha Vida, na melhoria do nível de atividade das construtoras, na manutenção dos programas de emprego e renda e no câmbio mais desvalorizado, que dificulta importações de materiais”, afirma Cover em nota.

O presidente da Abramat destacou que o resultado de janeiro foi o décimo primeiro consecutivo a apontar uma queda nas ven-



NIELS ANDREAS/ESTADÃO

Mudança. Entidade do setor, Abramat prevê modesta recuperação nos próximos meses

das na comparação com os mesmos meses do ano anterior.

A pesquisa mostrou, ainda, que as vendas de materiais básicos continuaram a apresentar quedas maiores do que as registradas com os materiais de acabamento. Isso indica, de acordo com a entidade, que existem mais obras em fase de entrega do que em estágio inicial, sinal de desaquecimento do mercado imobiliário.

Os materiais de base tiveram queda de 14,2% nas vendas em janeiro ante o mesmo mês do ano passado, e cresceram 0,3% em relação a dezembro. Já os materiais de acabamento registraram um recuo de 7,7% na comparação anual e de 8,8% ante o mês anterior.

O estudo da Abramat reporta, também, que o nível de emprego na indústria de materiais de construção apresentou queda de 6,7% em janeiro em relação a dezembro de 2014. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, houve queda de 12,6%.

THIAGO MORENO

● Ajuste 12,6%

Foi a queda no emprego registrada na indústria de materiais de construção apresentou em janeiro em relação ao mesmo mês do ano passado. Em relação a dezembro de 2014, o resultado foi 6,7% inferior

ÍNDICE FIPEZAP DE PREÇOS ANUNCIADOS

● O indicador é resultado da associação entre a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e o site Zap Imóveis

Variação do índice de venda (janeiro/2015, EM PORCENTAGEM)

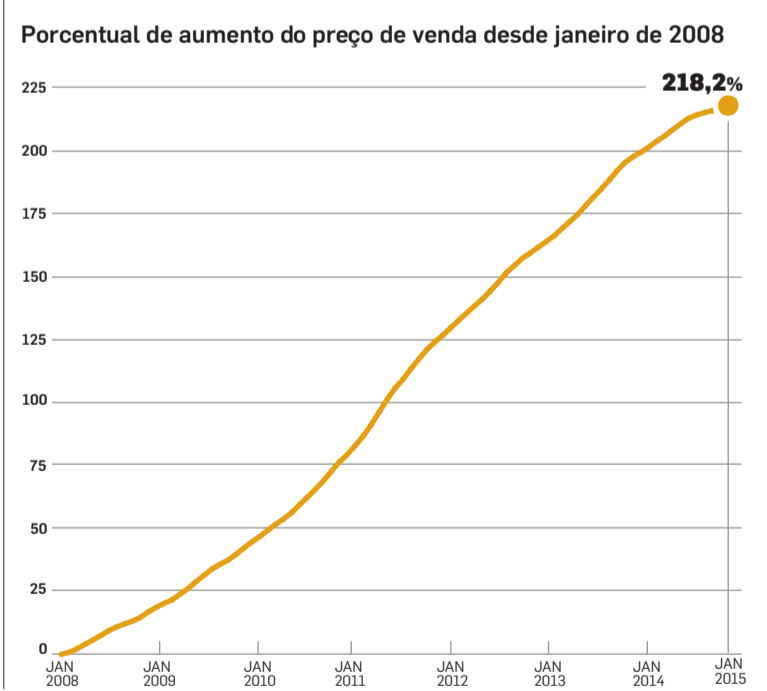
Venda	NO MÊS	NO ANO	12 MESES	36 MESES
ÍNDICE AMPLIADO*	0,4	0,4	6,3	n/d
ÍNDICE LOCAÇÃO	n/d	n/d	n/d	n/d
São Paulo	0,5	0,5	7,0	40,5
Belo Horizonte	0,4	0,4	8,6	30,1
Brasília	0,4	0,4	0,4	8,4
Campinas	0,3	0,3	9,2	n/d
Contagem	0,7	0,7	5,4	n/d
Curitiba	-0,1	-0,1	1,9	n/d
Florianópolis	0,8	0,8	3,0	n/d
Fortaleza	1,4	1,4	9,1	38,3
Goiânia	0,4	0,4	13,4	n/d
Niterói	-0,1	-0,1	7,8	n/d
Porto Alegre	-0,7	-0,7	2,4	n/d
Recife	0,6	0,6	6,5	39,0
Rio de Janeiro	0,3	0,3	6,6	41,2
Salvador	0,9	0,9	7,3	30,3
Santo André	0,2	0,2	6,9	n/d
Santos	0,0	0,0	2,5	n/d
São Bernardo do Campo	0,4	0,4	7,5	n/d
São Caetano do Sul	0,4	0,4	6,0	n/d
Vila Velha	0,8	0,8	8,5	n/d
Vitória	0,9	0,9	11,3	n/d

Obs.: n/d = não disponíveis. *Representa o FipeZap Ampliado, que considera 20 cidades no País. **São Paulo, venda, número de quartos indiferente.

FONTES: FIPE E ZAP

Aluguel	NO MÊS	NO ANO	12 MESES	36 MESES
ÍNDICE AMPLIADO*	n/d	n/d	n/d	n/d
ÍNDICE LOCAÇÃO	0,2	0,2	2,4	21,6
São Paulo	0,3	0,3	1,6	19,6
Belo Horizonte	n/d	n/d	n/d	n/d
Brasília	0,6	0,6	9,6	n/d
Campinas	0,4	0,4	3,6	n/d
Contagem	n/d	n/d	n/d	n/d
Curitiba	-3,5	-3,5	-3,7	n/d
Florianópolis	n/d	n/d	n/d	n/d
Fortaleza	n/d	n/d	n/d	n/d
Goiânia	n/d	n/d	n/d	n/d
Niterói	n/d	n/d	n/d	n/d
Porto Alegre	-0,8	-0,8	2,4	n/d
Recife	n/d	n/d	n/d	n/d
Rio de Janeiro	0,1	0,1	2,3	23,0
Salvador	2,5	2,5	0,9	n/d
Santo André	n/d	n/d	n/d	n/d
Santos	-0,3	-0,3	5,1	n/d
São Bernardo do Campo	0,8	0,8	-1,3	n/d
São Caetano do Sul	n/d	n/d	n/d	n/d
Vila Velha	n/d	n/d	n/d	n/d
Vitória	n/d	n/d	n/d	n/d

Valorização em São Paulo**



Preço de imóvel sobe abaixo da inflação pelo 2º mês

O preço médio do metro quadrado dos apartamentos prontos, a maioria usados, anunciados para venda em 20 cidades brasileiras pesquisadas pelo índice FipeZap aumentou apenas 0,17% em fevereiro. O resultado configura o menor avanço mensal do indicador, que começou a ser apurado em meados de 2010 para as 20 cidades.

Além de ser a menor taxa de

variação registrada para todos os meses da pesquisa, o resultado ficou a baixo da inflação pelo segundo mês seguido. A inflação esperada para este mês, de acordo com as projeções feitas pelo mercado e captadas pelo boletim Focus do Banco Central (BC), é de 1,17%.

“Pelo segundo mês seguido, a variação do preço médio do metro quadrado acumulada em 12

meses perdeu para a inflação”, diz o economista da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), Bruno Oliva. Ele avalia, com base no resultado, que a desaceleração dos preços dos imóveis é cada vez mais robusta e se trata de uma tendência.

No bimestre janeiro/fevereiro, o preço médio do metro quadrado dos imóveis anunciados subiu 0,55% e a inflação acumulada no período foi de 2,32%, de acordo com as projeções do BC.

Outro fato inédito do desempenho de fevereiro foi que, em todas as cidades pesquisadas, a variação dos preços do metro quadrado dos imóveis perdeu

para a inflação do período. Quase a metade das cidades pesquisadas tiveram queda nominal de preços. A maior retração ocorreu em Florianópolis (-1,27%), seguida por Vitória (-1,12%) e Niterói (-0,82%).

Para Oliva, a perspectiva é de que a queda de preços continue. “Eu não me espantaria se o ano fechasse com queda nominal de preços, na média.”

O economista diz que é “natural” que, de pois de um período de alta exuberante de preço, ocorra uma desaceleração.

Entre os motivos dessa desaceleração de preços dos imóveis, o economista aponta o en-



fevereiro. No mês, avanço no preço foi o menor registrado desde 2010

fraquecimento do mercado de trabalho, o fato de os preços estarem em patamares já elevados e não caberem mais no orçamento das famílias.

Além disso, as expectativas

para o desempenho da economia neste ano e no próximo não são favoráveis, o que inibe o fechamento de negócios de compra e venda e breca a escalada das cotações. /MÁRCIA DE CHIARA